

O tabu da Morte – Por Sérgio Carvalho

Estamos a poucos dias da celebração da festa de Todos-os-Santos e de Fiéis Defuntos. É uma época em que a questão da morte, da vida eterna e da santidade vêm à ribalta e à consciência de cada um.

Contudo, estas celebrações ficam, quase e só, reduzidas às idas aos cemitérios, às limpezas de campas e jazigos, e ao despesismo muitas vezes exagerado em flores e velas.

Tudo se faz de forma a que aquele dia passe depressa, quase sem se dar por ele, pois tudo o que cheira a morte, na nossa sociedade pós-moderna é tabu, e tabu dos grandes.

Após o fim do tabu do sexo, dizem em consequência dos anos 60 do séc. XX, foi a morte que ocupou o seu lugar e com mais destaque. Ninguém quer ouvir falar dela, a morte, nem pronunciar o seu nome, pois “pode trazer azar e até atraí-la”.

Para isto, foram criadas capelas mortuárias quer junto às igrejas quer próximo das juntas de freguesia para aí depositar os defuntos. Os funerais deixaram de se fazer em casa do falecido, pois como já está morto, há que o tirar de casa o mais depressa possível.

Também se deixou de morrer em casa, na maior parte dos casos, e passou-se a morrer no hospital. As crianças não podem ir aos funerais para não ficarem impressionadas. O luto já não se usa, principalmente nos meios citadinos. E por aí adiante...

Ainda há pouco dias fomos confrontados com as manifestações num bairro de Alvalade, em Lisboa, contra a construção de um complexo mortuário, a que chamaram “morteshopping”, pois a presença de velórios e agências funerárias próximas das casas e das escolas era traumatizante. Isto da morte tem de estar fora das zonas urbanas. Qualquer dia destes até os cemitérios vão ser deslocados, quem saberá?...

Os próprios funerais mudaram de estilo, pois se até há poucos anos o negro das roupas, os gritos, lágrimas e lamentos eram a tônica, agora a “moda” é ir de branco, não chorar e atirar umas mãozinhas de terra sobre o caixão, ou colocar as cinzas sobre as rosas. Até já vi, defuntos a serem sepultados com os cachecóis do seu clube desportivo, tal era a sua devoção.

Como os cristãos católicos dão muita importância aos ritos funerários, até o “enterrar os mortos” ser uma obra de misericórdia, desenvolveram-se nas paróquias as infra-estruturas de apoio às cerimónias exequiais. Mas vê-se por aí, muita gente, que publicamente abjurou a fé cristã, combateu a Igreja com toda a força que teve, e que nunca recebeu os sacramentos, a receber funerais religiosos, como de qualquer fiel se tratasse. As próprias agências aconselham as famílias dos defuntos a fazê-lo, pois dá menos trabalho o enterro religioso. Fica aqui o alerta aos responsáveis paroquiais, sobre a pastoral da Esperança e da Vida Eterna, dos Doentes e Moribundos!

Porque é que a nossa sociedade tem medo da morte? Não será porque ela é a maior certeza que possuímos desde que nascemos, e lembra-nos que somos finitos e não eternamente jovens?

PARÓQUIA VIVA



Nº 169 – 01/11/2004

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquia.socorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados

Solenidade de Todos os Santos - Ano C



«vi uma multidão imensa ... em frente do trono e diante do Cordeiro, vestidos com túnicas brancas» (1ª leitura); Bem-aventurados os pobres em espírito ... Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa» (Evangelho)

Pão partido e para repartir

A Carta Apostólica “Mane Nobiscum Domine” (Fica connosco, Senhor) que João Paulo II envia à Igreja Católica por ocasião do Ano da Eucaristia, volta à linha programática fundamental deste Pontificado, já com 26 anos: que a Igreja e o mundo coloquem Cristo no centro das suas atenções. Desta vez, é a presença real de Jesus na Eucaristia que lança mais uma etapa do percurso espiritual para a Igreja traçado pelo Papa.

O documento lembra que a “fracção do pão” – designação da Eucaristia nas primeiras comunidades – sempre esteve no centro da vida da Igreja. Um pão partido e repartido que apela a “um tempo de forte encontro com Cristo” e de atenção aos dramas da humanidade, ameaçada por sombras como a indiferença, a fome, o subdesenvolvimento.

João Paulo II assinala que “a Eucaristia não é expressão de comunhão apenas na vida da Igreja; é também projecto de solidariedade em prol da humanidade inteira”. A Igreja é, assim, desafiada a renovar continuamente, na celebração eucarística, a sua consciência de ser “sinal e instrumento” da unidade de todo o género humano.

“Cada Missa, mesmo quando é celebrada sem assistência ou numa remota região da terra, possui sempre o sinal da universalidade. O cristão, que participa na Eucaristia, dela aprende a tornar-se promotor de comunhão, de paz, de solidariedade, em todas as circunstâncias da vida”, assinala a Carta do Papa.

A “imagem lacerada do nosso mundo”, que começou o novo milénio com o espectro do terrorismo e a tragédia da guerra, desafia ainda mais fortemente os cristãos a viverem a Eucaristia como uma “grande escola de paz”, onde se formem homens e mulheres que, a vários níveis de responsabilidade na vida social, cultural, política, se fazem tecedores de diálogo e de comunhão.

O Ano da Eucaristia quer abrir o caminho da solidariedade ao serviço dos últimos.

(Continua na pág. 3)

Solenidade de Todos os Santos – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

TODOS SOMOS CHAMADOS À SANTIDADE – A santidade não é o resultado de um esforço do homem para alcançar Deus com as próprias forças. Ela é o dom do amor de Deus e a resposta do homem à iniciativa divina. Os textos da liturgia de hoje oferecem três aspectos fundamentais dessa resposta do homem. Em primeiro lugar, o Santo é o homem pobre que se abre para Deus, que ama e lhe dá a vida (*Evangelho*). Em segundo lugar, é o homem que se reconhece como filho de Deus, participando do mistério da relação de Jesus com o Pai (*II leitura*). Em terceiro lugar, é o homem que testemunha Jesus Cristo, desmascarando e destruindo os ídolos e a auto-suficiência que degradam a humanidade (*I leitura*).

1ª leitura: Apoc. 7, 2-4.9-14

«Vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas» – Numa visão misteriosa, tida em Patmos, João contemplou a multidão inumerável dos eleitos, provenientes de Israel e de todos os povos da terra, marcados com a Cruz e purificados pelo Sangue do Cordeiro.

O Apóstolo antevê o novo Povo de Deus, a Igreja, reunido em torno de Deus, na totalidade de seus filhos. Mas essa Igreja, reunida de todos os lugares, vai ainda hoje a caminho, dirigindo-se entre tribulações, para a liturgia celeste.

2ª leitura: 1 Jo. 3, 1-3

«Veremos a Deus tal como Ele é» – Desde o momento do nosso Baptismo, nós somos, verdadeiramente, filhos de Deus e, por isso, amados pelo Pai. Esta realidade maravilhosa, que não pode ser compreendida por aqueles que não conhecem a Deus, manifestar-se-á, em toda a sua luz, quando, no dia da ressurreição, nos transformarmos em imagens perfeitas de Cristo.

Evangelho: Mt. 5, 1-12a

«Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa» –

As Bem-aventuranças são a essência da mensagem que Jesus

trouxe aos homens. Viver segundo o espírito das Bem-aventuranças é o caminho, que leva à santidade.



INFORMAÇÕES

Visitas de Oração ao

Cemitério: Para rezar pelos nossos familiares e amigos falecidos, haverá uma Visita de Oração ao Cemitério Municipal, hoje, dia 1, no fim da Missa das 15 h., a celebrar na Igreja da Ordem Terceira, e na 3ª feira, dia 2, no fim da Missa das 8 horas; ao Cemitério de Areosa, a Visita será na 3ª feira, dia 2, no fim do Jubileu das Almas que começa às 10 h. Estes são os horários habituais que não nos foi possível confirmar junto dos respectivos párocos.

«Mês das Almas»: Será celebrado, como habitualmente, dentro da Missa, ao longo de todo o mês de Novembro. Não deixe de participar para rezar pelos seus entes queridos falecidos e pelas Almas do Purgatório em geral.

Encontros de Preparação

para o Matrimónio: Como é habitual por esta altura, iniciou ontem com a apresentação, mais um Encontro do CPM (Centro de Preparação para o Matrimónio), no Colégio do Minho, em Viana do Castelo. No próximo domingo, dia 7, começa a sério. Decorre durante 6 domingos, das 9 às 12 h.. Destina-se a todos os noivos que vão casar pela Igreja proximamente ou casais recém-casados. Apareça e inscreva-se que ainda vai a tempo.

Pão partido e para repartir

(Continuação)

A carta do Papa aponta mesmo este como um ponto fundamental, considerando que “sobre ele se joga em medida notável a autenticidade da participação na Eucaristia, celebrada na comunidade”: é o impulso que esta aí recebe para um compromisso real na edificação duma sociedade mais equitativa e fraterna.

A reflexão sobre o Pão partido leva a Igreja a ir de encontro, imediatamente, a todos aqueles que precisam desse mesmo Pão. João Paulo II recorda que na Eucaristia “o nosso Deus manifestou a forma extrema do amor, invertendo todos os critérios de domínio que muitas vezes regem as relações humanas e afirmando de modo radical o critério do serviço: «Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos e o servo de todos» (Mc. 9, 35)”.

Nesse sentido, o Papa propõe que o Ano da Eucaristia seja “um período em que as comunidades diocesanas e paroquiais se comprometam de modo especial a ir, com operosidade fraterna, ao encontro de alguma das muitas pobreza do nosso mundo”.

O olhar de João Paulo II volta-se então para o mundo, muitas vezes carente de paz e de solidariedade, convidando todos os católicos a fazer o mesmo: o drama da fome que atormenta centenas de milhões de seres humanos, as doenças que flagelam os países em vias de desenvolvimento, a solidão dos idosos, as dificuldades dos desempregados, as desgraças dos imigrantes são uma chamada de atenção.

“Não podemos iludir-nos: do amor mútuo e, em particular, da solicitude por quem passa necessidade, seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo (cf. Jo. 13,35; Mt. 25, 31-46). Com base neste critério, será comprovada a autenticidade das nossas celebrações eucarísticas”, é o alerta que o Papa deixa a todos.